



Canções de embalar, fantasias maternas e interação precoce

Ana Alexandra Gonçalves Grasina

Dissertação Apresentada ao ISMT para Obtenção do Grau de
Mestre em Psicologia Clínica

Orientador: Professor Doutor Henrique Testa Vicente
Professor Auxiliar Convidado no Instituto Superior Miguel Torga

Coimbra, junho de 2017

Agradecimentos

Findada esta “viagem” e reconhecendo que não a poderia levar a “bom porto” sozinha, quero agradecer a todos os que comigo a partilharam:

Ao Professor Doutor Henrique Testa Vicente, meu orientador, pelos conhecimentos transmitidos e pela paciência. A sua orientação e conhecimentos foram imprescindíveis para o resultado final deste trabalho. Foi para mim um privilégio ser sua aluna!

Ao Professor Doutor Carlos Farate pela disponibilidade e sugestões sempre pertinentes.

À Dra. Cristina Vieira, pela disponibilidade e valoroso contributo, que permitiu certamente enriquecer este trabalho.

Ao meu marido, pelo apoio, motivação e principalmente pela compreensão de todas as ausências, necessárias à realização deste trabalho.

Aos meus filhos, a principal razão e motivação na escolha deste tema. O vosso entusiasmo em relação às canções de embalar foi contagiante! Convosco aprendi e aprendo diariamente a ser mãe.

Aos meus pais pelo amor, incentivo e apoio familiar.

À minha irmã pelos momentos de partilha de alegrias e sobretudo pelo encorajamento constante nos momentos mais difíceis.

À Raquel, colega e amiga, com a qual partilhei maratonas de trabalho, algumas angústias e muitas gargalhadas.

A toda a família e amigos que sempre estiveram disponíveis para cuidar dos meus filhos sempre que precisava de tempo para realizar este trabalho.

A todas as mães que participaram neste estudo e partilharam um momento tão íntimo da sua relação com os seus filhos.

A todos o meu sincero agradecimento!

Resumo

O presente estudo tem como objetivo geral aprofundar o estudo das fantasias maternas precoces através da análise de conteúdo de canções de embalar utilizadas pelas mães na contemporaneidade. Como objetivos específicos foram definidos: analisar a frequência da utilização de canções de embalar e a sua relação com variáveis sociodemográficas; estabelecer o papel destas canções nas rotinas do adormecer e as reações da criança; investigar a transmissão intergeracional das canções; efetuar comparações entre as canções contemporâneas e as registadas em recolhas etnográficas.

Participaram neste estudo 84 mães com idades compreendidas entre os 22 e 47 anos ($M = 34,22$; $DP = 4,74$) com filhos de ambos os sexos com idades compreendidas entre 2 e 36 meses ($M = 19,01$; $DP = 10,79$), às quais foi solicitado que preenchessem um breve questionário sociodemográfico e familiar e que registassem por escrito ou em formato áudio as canções que utilizam. Foi recolhido um total de 70 canções, objeto de análise de conteúdo e categorização por três juízes independentes.

Os resultados revelam que 54,8% das mães utilizam canções de embalar no momento do adormecimento dos filhos. Não foram encontradas relações estatisticamente significativas com a maior parte das variáveis sociodemográficas e familiares, com exceção dos rendimentos, idade da criança e identificação com uma crença religiosa. Foram ainda identificadas reações diversas por parte da criança à canção de embalar e indícios da transmissão intergeracional por via da linhagem materna. As diferenças identificadas entre os conteúdos das canções de embalar contemporâneas e as registadas etnograficamente, sugerem a influência e impacto de vivências socioculturais distintas, com um maior enfoque das fantasias maternas na dimensão objetual e menor na vertente simbólica.

Palavras-chave: canções de embalar; interação precoce mãe/bebé; fantasias maternas

Abstract

The present study aims to analyse early maternal fantasies through the content analysis of lullabies used by contemporary mothers. Its specific aims were: analyse the frequency of singing lullabies during sleeping time and its relations with sociodemographic variables; establish the role of this practice on sleep routines and analyse child reactions to lullabies; investigate its intergenerational transmission; compare contemporary lullabies with those recorded in ethnographic collections.

84 mothers aged between 22 and 47 years old ($M = 34,22$; $DP = 4,74$) participated in this study. They had children of both sexes aged between 2 and 36 months ($M = 19,01$; $DP = 10,79$) and were asked to complete a brief sociodemographic and familiar questionnaire and to write or record the lullabies they sing. A total of 70 lullabies were collected, which were then the focus of content analysis and categorization by three independent judges.

The results show that 54,8% of the mothers sing lullabies during sleeping time. No statistically significant relationships were found with the majority of sociodemographic and family variables, except with income, child age and identification with a religious belief. Children exhibited a wide range of reactions to the lullabies (besides soothing), and evidences of intergenerational transmission through the maternal lineage were found. Several differences were found between the contents of contemporary lullabies content and those recorded ethnographically, which suggest the influence and impact of distinct sociocultural experiences and an increasing focus of maternal fantasies on objectal dimensions, as opposed to the symbolic nature that characterized traditional songs.

Keywords: lullabies; early mother/child interaction; maternal fantasies

Introdução

O conceito de “interação precoce” compreende as reações interpessoais entre mãe e bebê, pontuadas pela influência recíproca em que cada elemento da díade altera o seu comportamento em função das reações do outro (Lebovici, 1983/1987). A interação mãe/bebê é construída precocemente, durante os habituais nove meses de gravidez, durante a qual os componentes biológico e ambiental contribuem para o desejo de ser mãe. Numa perspectiva ambiental, os modelos parentais, as fantasias, as experiências da gravidez, o modo como lidou com o Complexo de Édipo, assim como os próprios mecanismos de separação-individuação em relação aos pais, influenciam a adaptação da mulher ao papel de mãe (Brazelton e Cramer, 1989). Também a forma como se relacionou com a criança que foi está intimamente ligada ao seu investimento na relação com os seus filhos (Amaral Dias, 1988).

A noção de interação fantasmática foi introduzida por Leon Kreisler e Bertrand Cramer (1981) (Lebovici, 1983/1987). Kreisler e Cramer consideram as interações fantasmáticas características dos investimentos recíprocos entre a mãe e a criança (Marcelli, 1982/2005), pois esta “interação comporta fantasias porque o corpo do bebê pode e deve tornar-se o lugar de sua projeção” (Kreisler e Cramer, 1981 citados em Lebovici, 1983/1987, p. 211). A linguagem que a mãe utiliza com o seu bebê está impregnada com as suas próprias fantasias para as quais contribuem diversos “bebês”: i) “fantasmático”, aquele que representa o desejo de maternidade e “uma possibilidade de representação para as fantasias inconscientes edipianas maternas” (Lebovici, 1983/1987, p. 232); ii) “imaginário”, a criança desejada que corresponde à da gestação e é fruto das fantasias dos pais; iii) “real”, o recém-nascido, que os pais vêem, sentem, ouvem e tocam (Brazelton e Cramer, 1989; Lebovici, 1983/1987; Marcelli, 1982/2005).

Para estudar as interações precoces entre mãe e filho, Serge Lebovici (1983/1987) propôs um modelo compreensivo que permite, concomitantemente, observar a interação mãe/criança e considerar a rede fantasmática intrapsíquica subjacente e organizadora desta mesma interação. O estudo da interação fantasmática na relação precoce entre a mãe e filho integra a observação desta interação com conceptualizações psicanalíticas e psicodinâmicas, permitindo uma passagem da análise do comportamento observável para uma centrada nos domínios intrapsíquicos. Neste sentido, importa assinalar que o discurso das mães em interação com os seus filhos pode ser conceptualizado como a expressão das suas fantasias. Cramer (1982) refere que é possível o estudo da interação (fantasiosa) através dos aspectos comportamentais e do funcionamento intrapsíquico das mães, tendo em conta “o poder das

palavras” (Lebovici, 1983/1987, p. 255), sugerindo a importância da narrativa materna na interação precoce e a possibilidade desta se constituir como via de acesso ao domínio fantasmático da mãe.

Amaral Dias (1986) investigou a importância das fantasias maternas na interação precoce mãe/bebê recorrendo a uma metodologia original, baseada na análise das canções de embalar que as mães cantam aos seus filhos na hora de adormecer (este estudo será abordado em maior detalhe no final deste ponto introdutório). Esta opção metodológica facultou a entrada no domínio fantasmático (inconsciente) da mãe, habitualmente inacessível devido à ação dos mecanismos de defesa, que até então tinha sido estudado sobretudo através de metodologias estritamente psicanalíticas.

O momento de adormecer dos filhos é uma forma de interação precoce, desde o nascimento, entre as mães e os bebês (Cavani Jorge, 1988). As canções de embalar são cantigas que as mães cantam aos filhos precisamente nesta hora de os adormecer, devendo ser consideradas na “globalidade de envolvimento de dois seres que interagem entre si” (Carvalho, 1994, p. 15). As cantigas de embalar surgem no contexto do “acalanto”, definido como o aconchegar ao colo cantando (Leite Vasconcellos, 1907) e a utilização do cantar como forma de suscitar o sono nas crianças faculta “uma interação afetiva única (...) entre a mãe e o seu filho” (Canez, 2008, p. 43). Esta autora considera o momento do acalanto (mediado pela cantiga de embalar) emocional, físico e facilitador do desenvolvimento cognitivo. Ainda segundo a mesma autora...

Falar da canção de embalar pressupõe considerar os vários aspectos que a constituem e que a tornaram um gênero singular de literatura oral e tradicional: a letra da canção (o texto), a música (o ritmo) e o movimento balanceado (o gesto). Estes aspectos interligados num todo apresentam uma forma, estrutura e dinâmica muito particulares e oferecem, numa simples quadra, a energia lírica, narrativa e dramática do canto materno (Canez, 2008, p. 32).

As canções de embalar são, de acordo com vários autores, universais e transversais a todas as culturas (Unyk, Trehub, Trainor e Schellenberg, 1992; Leite Vasconcellos, 1907) assim como “uma das formas musicais essenciais, presente sem exceção, em todas as comunidades humanas” (Canez, 2008, p. 21). Estas apresentam características muito peculiares comparativamente a outros gêneros populares. São de curto fôlego, contêm ideias gerais, rapidamente expostas (Leite Vasconcellos, 1907), são frequentemente cantadas em verso

(Amaral Dias, 1986), num tom de voz baixo (Tsang e Conrad, 2010), repetidas inúmeras vezes e onomatopaicas (Cavani Jorge, 1988).

As canções de embalar têm como principal objetivo (ou antes, como objetivo manifesto) acalmar e adormecer as crianças (Amaral Dias, 1986; Cavani Jorge, 1988; Trainor, 1996; Leite Vasconcellos, 1907). De acordo com Brazelton e Cramer (1989), sons suaves e insistentes provocam na criança um atenuar dos movimentos, do ritmo cardíaco, uma acalmia e a procura com o olhar do som que a cativa. Parecem existir evidências de que o canto materno contribui para a modulação dos níveis de ativação dos bebês (Shenfield, Trehub e Nakata, 2003; Trehub 2001). Neste sentido, canções joviais e divertidas contribuem para sustentar níveis de ativação adequados à manutenção da atenção; canções de embalar, por outro lado, podem contribuir para a redução dos níveis de ativação e, assim, induzir o sono (Shenfield, Trehub e Nakata, 2003). Um estudo de caso realizado num infantário por Castro (2004, 2014), com bebês entre 4 e 6 meses, cujo objetivo consistia em avaliar os efeitos das canções de embalar no período de adormecimento e de sono, concluiu que a audição da canção de embalar induz o aquietamento, diminui o tempo de adormecimento e contribui para o bem-estar dos bebês. Segundo Leite Vasconcellos (1907), as mães parecem ter um papel facilitador do acalmar e adormecer os filhos, recorrendo frequentemente ao uso das canções de embalar:

As mães souberam sempre e em toda a parte, em todos os graus de civilização, - com a admirável ternura que é segredo d'ellas e lhes está no íntimo do ser – aproveitar-se d'aquella circunstância da nossa physiologia nervosa, para, quando embalam os filhos no berço ou os aninham no regaço, ao mesmo tempo que os cobrem de beijos, os acalmarem com a toada dulcissima de canções que os impedem de chorar, os adormeçam, e depois os não deixem acordar sem que um sono reparador lhes fortaleça o delicado organismo (Leite Vasconcellos, 1907, p. 2).

Na situação de adormecimento do filho pela mãe parecem conjugar-se dois ritmos, o físico (i.e. o movimento do embalo) e o ritmo da melodia que, associados ao carinho da voz da mãe, parecem produzir uma espécie de ‘hipnose’, no sentido que conduzem a criança ao relaxamento e ao sono (Canez, 2008). O dinamismo das canções de embalar, a alternância entre períodos de tensão e relaxação, análogo aos movimentos cíclicos das ondas do mar, parece ser “uma fonte de bem estar (...) algo hipnótico” que promove estados de relaxamento, indutores de sono (Carvalho, 1994, p. 14).

Todos os elementos acima referenciados remetem para as características melódicas e performativas da canção de embalar, faltando contudo abordar a sua dimensão textual, a qual desempenha, segundo Trainor e Trehub (1998) um papel substantivo na classificação e identificação das canções de embalar. No que concerne às letras das canções de embalar, Leite Vasconcellos (1907) identificou elementos comuns entre as canções portuguesas e as de outras nações. Assim, os textos das canções não dependeriam tanto de circunstâncias históricas, mas antes de condições psicológicas, mais propriamente referentes à “uniformidade primordial do espírito humano” (Leite Vasconcellos, 1907, p. 86). Outros autores assinalam que o conteúdo das canções de embalar está associado a determinadas vivências socioculturais específicas. Por exemplo, Machado (2012) refere que as canções de ninar brasileiras apresentam um traço de terror mais vincado devido ao ambiente colonial e de escravatura que esteve nas suas origens, defendendo mesmo que estas podem constituir “veículos propícios ao transporte resguardado de elementos fundamentais da cultura” (Machado, 2012, p. 7).

“Por sua qualidade artística, o acalanto pode revigorar o ambiente cultural que cerca o nascimento e a infância. Neste sentido, ele é potencialmente humanizador. O ambiente cultural é tão fundamental e delimitador da experiência humana quanto o ambiente físico e emocional (familiar ou institucional). Cuidar do surgimento das palavras, da sua afinação com a experiência vivida, de seu vigor e sentido; cuidar da experiência inicial com a palavra é condição para o desenvolvimento pleno deste ser de linguagem que é o homem (Machado, 2012, p. 7).

Com efeito, alguns autores defendem que para uma canção de embalar ser eficaz no seu objetivo manifesto (adormecer a criança), não seria necessário conter uma letra (Lorca, 1964; Fernald, 1989). Para acalmar e adormecer a criança bastaria apenas a repetição harmoniosa das notas musicais. Segundo o poeta e dramaturgo Federico García Lorca (1964), que passou algum tempo a recolher e estudar canções de embalar espanholas, o materno cantar no momento do adormecimento não poderia assim visar unicamente a acalmia, mas também introduzir/apresentar a realidade à criança:

No hacia falta ninguna que la canción tuviese texto. El sueño acude con el ritmo solo y la vibración de la voz sobre ese ritmo. La canción de cuna perfecta sería la repetición de

dos notas entre sí, alargando su duración y efecto. Pero la madre no quiere ser fascinadora de serpientes, aunque en el fondo emplee la misma técnica.

Tiene necesidad de la palabra para mantener el niño pendiente de sus labios, y no solo gusta de expresar cosas agradables mientras viene el sueño, sino que lo entra de lleno en la realidad cruda y le va infiltrando el dramatismo del mundo (Lorca, 1964, pp. 96-97).

Considerando que o objetivo “manifesto” da canção de embalar consiste em acalmar e adormecer a criança, afigura-se paradoxal a referência a elementos angustiantes no conteúdo destas canções, dos quais o “Papão” é caso paradigmático. Pode observar-se nas canções de embalar portuguesas tradicionais numerosas referências a estes elementos angustiantes que parecem contrastar com o objetivo manifesto das mesmas:

Vae-te embora, Papão velho,

Vae-te embora, Papão novo:

Não leves o meu menino

Para a boca do lobo.

(Leite Vasconcellos, 1907, p. 35)

Dormi, meu menino,

Fecha o olho,

Que vem as raposas,

Papar o menino.

(Leite Vasconcellos, 1907, p. 40)

No estudo de base psicanalítica “O Acalanto e o Horror”, Cavani Jorge (1988) analisou esta aparente contradição frequentemente encontrada nas canções de embalar. Para esta autora os elementos angustiantes são a expressão da contradição materna: por um lado, o desejo de permanecer com o seu bebé; por outro, a necessidade de separar-se dele com vista à individuação do filho. Esta dor da separação (re)vivida diariamente na hora de adormecer os filhos é equiparada à dor “de deixar de ser um só com o filho para ser um consigo mesma – mais que mãe, mulher” (Cavani Jorge, 1988, p. 13). A autora coloca a hipótese deste “terror” indeterminado que é reproduzido no acalanto ser um retorno do recaiado, que representa a castração simbólica e que permite simultaneamente à mãe e à criança elaborar a necessidade de castração:

Desta dupla perspectiva (da mãe e do filho: angústia pela castração e idem pela falta de castração), o texto do acalanto reflete a necessidade de elaborar, antes do sono-separação-morte, aqueles temas que são essenciais à sobrevivência do humano em nós: a solidão, o perigo indeterminado, a morte, o paraíso da união, a interdição do incesto, a

proteção de alguém mais poderoso. Esta proteção variará (...) em todos os casos terá carácter mágico-onipotente, ‘encantado’ (Cavani Jorge, 1988, p. 14).

No entanto, a par com os conteúdos que evocam “figuras sinistras”, convivem a voz ritmada e carinhosa da mãe e a sua própria presença, que embala, aconchega e tranquiliza a criança, o que sugere ternura, sendo esta complementar ao desamparo infantil. Esta complementaridade na relação mãe-filho é “a personagem do acalanto, e, seu drama é encantar o medo, indeterminado pelo reassseguramento do mútuo olhar” (Cavani Jorge, 1988, p. 34). A repetição de letras onomatopaicas parece ter a função de encantar o perseguidor e afastar o perigo da criança. Desta forma, pode entender-se que as repetições têm a função de acalmar, aquietar e afastar o perigo dos filhos. As crianças adormecem quando os perigos e medos são “encantados” (Cavani Jorge, 1988).

Ainda segundo a perspectiva psicanalítica, Carvalho (1994) parte da premissa que “aquilo que se diz” nas canções pode não ser tão importante como “a forma que se diz”. Contudo, identifica a importância das letras das canções de embalar a nível do inconsciente materno, justificando assim a importância do estudo dos conteúdos narrativos das mesmas. Esta autora enquadrou a canção de embalar como “espaço transicional”, podendo contribuir para o desenvolvimento da criança, quando cantada de forma suficientemente boa, por uma mãe, também ela suficientemente boa. Portanto, a canção de embalar deveria propiciar, ainda que provisoriamente, a ilusão de retorno ao “paraíso uterino”, sendo interessante salientar neste ponto que no verbete “embalar” constante no dicionário da língua portuguesa contemporânea, encontramos referências à ilusão e ao fascínio, com vista ao cumprimento de um fim (Casteleiro, 2001). De acordo com Winnicott (1975, 1979/1990), é da competência materna proporcionar a ilusão mas também a desilusão, que fomentará no bebé a capacidade de adiar a gratificação e o lidar com a frustração, de modo a propiciar a “capacidade de estar só”, permitindo-lhe, mais tarde, adormecer de “forma autónoma, acompanhada pela boa canção de embalar introjetada no seu mundo interno” (Carvalho, 1994, p. 16). Ainda segundo o mesmo estudo de Carvalho (1994), numa perspectiva literária, as referências ao “Papão” parecem corresponder à fase de tensão, provocando medo, e as referências a figuras divinas (e.g. Deus, lua, estrelas ou os próprios pais) à fase de relaxamento, evocando proteção e aliviando a tensão provocada pelo “papão” (Carvalho, 1994), constituindo as duas faces do indissociável binómio tensão/relaxamento. Esta autora parece encontrar correspondência entre a dinâmica musical das canções de embalar de “sucessão de ciclos de movimentos de vaivém”, assim como a alternância de tensão/relaxação, e a capacidade da mãe em

“proporcionar à criança o sentimento de desilusão de forma não abrupta, permitindo-lhe antecipar, enfrentar e ultrapassar os movimentos de tensão, através de posteriores movimentos de alívio” (Carvalho, 1994, p. 16). Recorrendo a excertos de canções de embalar tradicionais, a autora exemplifica com quadras, nas quais estão presentes as ideias de ilusão (a) e de desilusão (b):

(a)	(b)
“O meu menino é de oiro	“Rola, rola, meu menino
é de oiro muito fino	quem te há-de dar a mama
hei-de mandá-lo p’rós Anjos	O teu pai foi p’ró moinho
enquanto for pequenino “	tua mãe caiu na cama”
	(Carvalho, 1994, p. 16)

Em resumo, uma mãe e uma canção de embalar suficientemente boas fomentam o alargar a outras experiências transicionais progressivamente mais evoluídas. O espaço transicional ocupado por uma canção de embalar proporcionará na idade adulta o espaço cultural, no qual se inclui a arte (Carvalho, 1994).

Para estudar as fantasias maternas na interação precoce mãe/bebé, Amaral Dias (1986) recolheu uma amostra de canções de embalar constantes nos “Opúsculos” de Leite Vasconcellos (1938), onde se encontra uma compilação de melodias recolhidas em todas as províncias portuguesas da época. Este estudo parte da premissa sustentada por Leite Vasconcellos, da independência relativa dos conteúdos das canções de embalar relativamente a condicionantes históricas particulares. Ou seja, as letras das canções não dependem tanto das circunstâncias ou mesmo do acaso, mas antes exprimem a forma como a mãe vivencia a relação com o seu filho e as fantasias criadas a partir da mesma. Como refere o autor “*these fantasies are concerned with the mother’s own identification and also that of the baby, giving shape and substance to its fears and fantasies*” (Amaral Dias, 1986, p. 180). Através de uma leitura prévia das canções e da revisão bibliográfica, foram definidas cinco categorias que guiaram posteriormente a análise quantitativa e qualitativa das canções: 1) Criança Sagrada (“*Holy Infant*”); 2) Introdução do Bom Objeto Idealizado (“*Introduction of the Idealised Good Object*”); 3) Introdução do Mau Objeto (“*Introduction of the Bad Object*”); 4) Introdução do Terceiro (“*Introduction of the Third Party*”); 5) Aparecimento da Sexualidade (“*Emergence of Sexuality*”). Estas categorias foram adotadas no presente estudo para a análise do material recolhido, pelo que as suas definições constarão na metodologia.

Entre as principais conclusões, Amaral Dias (1986) referiu que, pela forma como Bom e Mau Objeto são representados, as canções de embalar parecem traduzir em palavras a relação continente-conteúdo conceptualizada por Bion (1962/1984a, 1967/1984b), onde o Bom Objeto é invocado para auxiliar a mãe na proteção da criança e o Mau Objeto é expelido por esta. Como refere Amaral Dias:

A satisfactory mother is one who functions as a «container» for the baby's projected identification, metabolizing it and giving it back in a form the child can more easily accept. For this relationship to work the mother has to have a real capacity for «reverie», that is, to mold the baby with whom she has the relationship, to whom she offers herself as a container, receiving his projections and giving them back after changing their negative polarity to positive (Amaral Dias, 1986, pp. 187-188).

Trata-se, neste caso, da mãe colocar a função α (alfa) ao serviço do filho, transformando os elementos β (beta), “aqueles acontecimentos que não podem ser acolhidos na mente” (Sylgimington e Sylgimington, 2014, p. 84) e que não podem ser digeridos pelo bebé, em coisas pensáveis, os elementos α (alfa), “that makes the infant feel it is receiving its frightened personality back again but in a form that it can tolerate” (Bion, 1984b, p. 190). Assim, o Bom Objeto é geralmente trazido para perto, enquanto que o Mau Objeto é frequentemente invocado no discurso para reforçar o seu afastamento.

Uma outra conclusão, refere-se ao facto da sexualidade materna ou estar reprimida ou então ser cotejada ao Mau Objeto, sendo que as canções de embalar parecem assim trazer à criança a ilusão de uma mãe completamente adaptada a ela. As referências à “Sagrada Família”, incluídas na categoria “Criança Sagrada”, parecem contribuir para inscrever o bebé na completude de uma família simbólica, onde Deus surge como pai simbólico. Ou seja, parecem veicular um modelo de família à criança ou, nas palavras do autor, esta “Sagrada Família” aparece como uma espécie de “*Ideal Ego Family*” para cada um dos seus membros. Por último, a frequente invocação do triângulo familiar (de importância substantiva para a uma estruturação edipiana), sugere também, segundo Amaral Dias (1986), uma extensão da noção de continente materno à figura do pai.

Considerando a ideia de que “o conteúdo do discurso maternal não é produto do acaso” (Lebovici, 1983/1987, p. 254), ideia essa partilhada não apenas por Amaral Dias (1986), mas também por Carvalho (1994) (que salienta a importância das letras no inconsciente materno) e por Cavani Jorge (1988) (que assinala a importância das canções de embalar como forma de

aplicar a angústia de separação reativada no momento do adormecer), afigura-se relevante aprofundar o estudo dos conteúdos narrativos presentes nas canções que as mães utilizam com as suas crianças no momento do adormecimento. Contudo, a revisão da literatura efetuada sugere que os estudos que focam os conteúdos das canções de embalar tendem a utilizar como material canções registadas e recolhidas etnograficamente, ou seja, aquelas que a “seleção natural” da tradição preservou (Amaral Dias, 1986; Canez, 2008; Cavani Jorge, 1988; Lorca, 1964). O presente estudo procura ampliar este enfoque, estudando as canções de embalar que as mães contemporâneas utilizam com os seus filhos.

Objetivos

Esta investigação tem como objetivo geral aprofundar o estudo das fantasias maternas precoces através da análise de conteúdo das canções de embalar. Como objetivos específicos foram definidos: 1) analisar a frequência da utilização de canções de embalar e a sua relação com variáveis sociodemográficas, familiares e profissionais relevantes; 2) estabelecer o papel do cantar nas rotinas do adormecer e as reações da criança a essa prática materna; 3) investigar a transmissão intergeracional da utilização das canções de embalar na relação precoce com o bebé; 4) explorar as fantasias maternas implícitas e a experiência materna da relação precoce com o bebé através da análise de conteúdo das canções de embalar; 5) efetuar comparações entre as canções contemporâneas e as canções registadas pela tradição (recorrendo à comparação com os dados decorrentes do estudo de Amaral Dias, 1986).

Materiais e Métodos

Procedimentos

Trata-se de um estudo empírico de desenho misto, quantitativo e qualitativo. A recolha de dados ocorreu por um processo de amostragem não probabilístico, por conveniência e bola de neve e foi realizado em duas etapas. Numa primeira etapa (dezembro de 2015), foi construído um questionário (detalhado no seguimento do presente trabalho) e testada a sua adequabilidade através da administração a duas mães. As canções de embalar recolhidas nesta fase de pré-teste foram obtidas por gravação áudio. As participantes não sugeriram alterações ao questionário, que se mostrou compreensível e acessível, sendo que os investigadores consideraram que na fase de recolha de dados propriamente dita, seria colocada a hipótese às participantes de facultar as canções de embalar nos registos áudio e por escrito, conforme a preferência. Os dados obtidos e as canções de embalar recolhidas

nesta fase foram incluídas na amostra. Na segunda etapa, que decorreu entre janeiro e junho de 2016, foram administrados os restantes questionários. Para tal foram contactadas instituições de apoio à infância (e.g. creches) e identificadas as mães que cumpriam os critérios de inclusão: ser mãe de pelo menos um filho com idade inferior ou igual a 36 meses e não manifestar qualquer problema de saúde ou outros que inviabilizasse o preenchimento do questionário. No final de cada aplicação era perguntado às mães que aceitaram colaborar no estudo se conheciam outras mães que pudessem também participar, seguindo-se um contacto direto por parte do investigador, intermediado pela participante. Todas as participantes foram informadas do carácter voluntário da sua participação, dos objetivos do estudo e das garantias de anonimato e confidencialidade dos dados, tendo facultado o seu consentimento informado.

Participantes

Participaram neste estudo 84 mães com idades compreendidas entre os 22 e 47 anos ($M = 34,22$; $DP = 4,74$). A maioria é casada ($n = 54$; 64,3%), está empregada ($n = 80$; 95,2%), tem habilitações literárias ao nível do ensino superior ($n = 64$; 76,2%) e identifica-se com uma religião ($n = 71$; 84,5%) mas não se considera praticante ($n = 63$; 75,0%). A tipologia familiar é maioritariamente nuclear ($n = 71$; 84,5%), residente numa zona urbana ($n = 48$; 57,1%), apresentando rendimentos entre os 1000€ e 2000€ mensais ($n = 39$; 46,4%). No que respeita aos filhos, estes têm idades compreendidas entre 2 e 36 meses ($M = 19,01$; $DP = 10,79$) e a maioria é do sexo masculino ($n = 47$; 56,6%) (Tabela 1).

Tabela 1
Caracterização sociodemográfica da amostra (n = 84)

		<i>n</i>	%	<i>M</i>	<i>DP</i>
Idade mães (em anos)	Min. = 22; Máx. = 47	-	-	34,22	4,74
Estado Civil	Solteira/separada de facto	12	14,3	-	-
	Casada	54	64,3	-	-
	União de facto	18	21,4	-	-
Habilitações Académicas	≤12º ano de escolaridade	19	22,6	-	-
	Ensino superior	64	76,2	-	-
	Sem informação	1	1,2	-	-
Situação Profissional	Empregada / trabalhadora-estudante	80	95,2	-	-
	Desempregada / reformada	4	4,8	-	-
Identificação com uma religião	Sim	71	84,5	-	-
	Não	13	15,5	-	-
Prática religiosa regular	Sim	21	25,0	-	-
	Não	63	75,0	-	-
Zona de residência	Rural	16	19,0	-	-
	Suburbana	20	23,8	-	-
	Urbana	48	57,1	-	-
Tipo de família	Nuclear	71	84,5	-	-
	Monoparental	5	6,0	-	-
	Outros (reconstituída, alargada, homossexual)	8	9,5	-	-
Rendimento do agregado familiar	Inferior a 1000€	15	17,9	-	-
	Entre 1000€ e 2000€	39	46,4	-	-
	Superior a 2000€	29	34,5	-	-
	Sem informação	1	1,2	-	-
Idade filho mais novo (em meses)	Min. = 2; Máx. = 36	-	-	19,01	10,79
Sexo do filho mais novo	Masculino	47	56,6	-	-
	Feminino	36	43,4	-	-
	Sem informação	1	1,2	-	-

Notas: *n* = número de sujeitos; *M* = média; *DP* = desvio padrão; Min. = mínimo; Máx. = máximo.

Relativamente à gravidez, ela foi planeada em 83,3% ($n = 70$) dos casos e desejada em 96,4% das situações ($n = 81$). A maioria das participantes não identificou complicações médicas na gestação ($n = 67$; 79,8%), não registou o falecimento de alguém significativo ($n = 75$; 89,3%) ou outras situações com impacto emocional percebido ($n = 71$; 84,5%) (Tabela 2).

Tabela 2
Caracterização da gravidez das participantes (n = 84)

		<i>n</i>	%
Gravidez planeada	Sim	70	83,3
	Não	13	15,5
	Sem informação	1	1,2
Gravidez desejada	Sim	81	96,4
	Não	2	2,4
	Sem informação	1	1,2
Complicações médicas (durante o período gestacional) (e.g. diabetes gestacional, risco de parto prematuro)	Sim	16	19,0
	Não	67	79,8
	Sem informação	1	1,2
Falecimento de pessoa significativa (e.g. mãe, avô ou outros significativos)	Sim	9	10,7
	Não	75	89,3
Outras situações com impacto emocional percebido (e.g. desemprego, situação de doença em pessoa significativa)	Sim	13	15,5
	Não	71	84,5

Notas: n = número de sujeitos.

Instrumentos

Considerando a especificidade dos objetivos propostos, foi desenhado um questionário que engloba três secções:

1) *Dados sociodemográficos, profissionais, académicos e familiares:* possibilitaram a caracterização da amostra, e incluíam a idade dos participantes, sexo do filho mais novo, nacionalidade, concelho de residência, situação e atividade profissional incluindo o regime laboral e horas de trabalho semanal, habilitações académicas, identificação com uma crença religiosa e a sua prática, a composição do agregado familiar, os seus rendimentos mensais e uma questão relativa à identificação de situações que as participantes consideravam problemáticas no agregado familiar, tais como desemprego, alcoolismo, toxicod dependência, violência ou outras;

2) *Informações relativas à gravidez:* tendo em conta a importância deste período na construção da relação mãe/bebé, considerou-se pertinente avaliar se esta foi planeada ou “acidental”, se foi ou não desejada, se existiu alguma complicação médica no seu decorrer e a sua descrição, e se durante o período gestacional ocorreu o falecimento de alguém próximo ou outras situações com impacto emocional percebido;

3) *O adormecer dos filhos:* esta secção incluía questões relativas às rotinas do adormecer (quem adormece, onde adormece, se ocorre sempre da mesma forma), a utilização (ou não) de canções de embalar e a reação da criança às mesmas, com quem a participante aprendeu as canções que canta, se cantavam para ela quando era criança e quem cantava, se as canções que lhe cantavam são as mesmas que atualmente usa na relação com o filho.

Foram recolhidas um total de 70 canções de embalar, registadas em áudio ($n = 28$; 40%) e por escrito ($n = 42$; 60%), de acordo com a preferência da mãe. Os registos áudio foram gravados na hora em que as mães adormeciam os filhos.

Análise de dados

Recorreu-se ao programa informático *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS), versão 23.0, para *Windows*, para análise e tratamento de dados.

As canções de embalar recolhidas em registo áudio foram transcritas para o processador de texto *Word* 2016. Todas as canções de embalar foram objeto de análise de conteúdo, segundo as categorias definidas por Amaral Dias (1986) constantes na Tabela 3.

Tabela 3

Categorização conceptual de Amaral Dias (1986)

Categorias	Definição	Subcategorias
1. Criança Sagrada	Investimento narcísico na criança, onde a mãe a idealiza como um ser adorado, tanto como se imagina ela própria a ser adorada pela criança.	Sagrada Família Menino d'Oiro Anjinho Berço Sagrado
2. Introdução do Bom Objeto Idealizado	Alvo da projecção da libido. Todas as boas experiências do recém-nascido são atribuídas a este Bom Objeto Idealizado, em relação ao qual há o desejo de posse e com o qual ele se deseja identificar.	Anjos Nossa Senhora (Virgem Maria) Jesus Sono
3. Introdução do Mau Objeto	O Mau Objeto como algo que resulta da clivagem e ocorre na posição esquizo-paranóide, onde é projetada a pulsão de morte, toda a hostilidade e as más experiências do recém-nascido.	Papão Fanfarrão Raposa Duende Medo
4. Introdução do Terceiro	O Terceiro é considerado aquele que gradualmente vai sendo introduzido na relação fusional entre mãe e bebé e que progressivamente permite o inter-investimento nesta mesma relação.	Trabalho da mãe Mãe e pai ausentes Pai
5. Aparecimento da Sexualidade	O surgir de um símbolo de cariz sexual relacionado com a cena primitiva.	Moça Simbolização da cena primitiva

Relativamente ao estudo de Amaral Dias (1986) importa assinalar as diferenças que se verificaram ao nível do material que foi alvo de análise de conteúdo. Amaral Dias (1986) recorreu à recolha efetuada por Leite Vasconcellos, no início do século XX, constante nos Opúsculos, datados de 1938. De referir que o texto constante nesta obra havia sido publicado

em 1907 na Revista Lusitana. Sob este conjunto de textos, o autor aplicou critérios de inclusão/exclusão que restringiram o material a analisar. Foram incluídas as canções registadas em formato de quadras, com o objetivo de uniformizar a amostra e tornar possível a análise estatística. Foram descartadas as canções e respetivas adaptações que, de acordo com Leite Vasconcellos (1938), não eram estritamente de embalar. Amaral Dias (1986) excluiu assim as canções que eram adaptadas de histórias ou provérbios relacionadas com crianças. No estudo de Amaral Dias (1986) foram considerados os seguintes agrupamentos de canções: “Canções de Prelúdio” (que descrevem a atenção e cuidados que as crianças merecem e o significado das canções que para elas são cantadas); “Cantigas de Acalentar” (canções tranquilizadoras, onde a mãe aconchega); “Cantigas de Embalar” (onde existe uma alusão direta ao berço ou aos seus movimentos de embalo); “Cantigas do Regaço e do Berço” (em que as letras estão relacionadas com as diferentes fases do sono da criança); “Canções do Choro e da Doença” (que, como a própria designação indica, aludem ao choro e à doença); “Cantigas da Terra de Miranda” e “Cantigas ao Menino Jesus” (cantigas que originalmente eram cantadas junto ao berço e que a tradição foi adaptando, estabelecendo uma analogia entre a Sagrada Família e a Família Humana).

No presente estudo, uma leitura preliminar das canções de embalar permitiu desde logo identificar que uma parte substantiva do material recolhido não se enquadrava nas definições clássicas de canções de embalar. Assim, foi possível encontrar variantes das referidas canções, excertos de canções populares ou canções totalmente improvisadas pelas mães, que também incluímos na análise de resultados. Esta opção metodológica resultou de uma adaptação/ampliação da premissa de base que sustentou o estudo de Amaral Dias (1986). Segundo este autor, seria possível aceder às fantasias maternas através das canções de embalar, pois as suas letras não haviam certamente sido escolhidas ao acaso. No presente estudo considerou-se que a escolha das canções a cantar no momento do adormecimento também não terá sido fruto do acaso, mas antes determinada, de forma mais ou menos (in)consciente, por aspectos significativos à relação precoce (esta opção assenta, portanto, no princípio basilar de “determinismo psíquico” inerente à psicanálise e psicologia psicodinâmica). Assim, mesmo as canções que não cumprem os requisitos “canónicos”, mas são utilizadas quotidianamente pelas mães, podem veicular implicitamente aspectos relevantes das fantasias maternas.

Segundo Bardin (1977/2014) e tendo como referência a grelha conceptual de Amaral Dias (1986), foram efetuados dois níveis de análise ao material recolhido: o continente (significantes/código) e o conteúdo (significados/significação). Este método permitiu

estabelecer as unidades de registo recorrendo às palavras encontradas (continente) e simultaneamente ao significado da mensagem (conteúdo), o que possibilitou a quantificação, para posterior análise estatística.

Num primeiro momento, procedeu-se à categorização das transcrições das canções de embalar por três juízes de forma independente (a autora do presente estudo, o docente e orientador do presente trabalho e uma psicóloga clínica / grupanalista que trabalha numa maternidade), utilizando as cinco categorias propostas por Amaral Dias (1986). Posteriormente, os juízes reuniram e debateram as discrepâncias entre as três avaliações. Neste momento do processo de análise os juízes consideraram necessária a expansão de algumas das subcategorias inicialmente propostas por Amaral Dias (1986) e a definição de outras inteiramente novas, de forma a analisar o material recolhido. A (re)definição de subcategorias, constante na Tabela 4, será abordada em maior detalhe seguidamente. Foram ainda excluídas as subcategorias definidas por Amaral Dias (1986) (“Menino D’Ouro”, “Fanfarrão”, “Raposa”, “Duende”, “Medo” e “Moça”) que não encontraram expressão no material recolhido. Estando na posse da reformulada grelha conceptual de categorias e subcategorias, os juízes voltaram a analisar e categorizar as transcrições das canções de embalar. Por último, reuniram para identificar e debater as discrepâncias. Apenas foram consideradas as unidades de registo em que houve acordo dos três juízes.

Tabela 4

Subcategorias: definição e excertos exemplificativos

(Sub)categorias	Definição	Excertos
1. Criança Sagrada		
Sagrada Família (Família Simbólica)**	Esta subcategoria inclui as referências directas à Sagrada Família (Deus, Virgem Maria ou local de nascimento de Jesus) assim como alusões à família simbólica.	<i>“Teu pai é rei tua mãe é rainha e tu vais ser uma linda princesinha”</i>
Criança Idealizada	Atribuição de características idealizadas à criança.	<i>“Dorme, dorme meu fofinho”</i>
Anjinho*	Remete para as referências à criança como anjinho, o que, de acordo com Leite Vasconcellos (1907), é uma referência aceitável considerando que junto à criança se encontram muitas vezes os ‘Anjos’. Este apelidar da criança como ‘anjinho’ sugere também a criança como um ser sagrado, “cujo valor é superior à mais fina preciosidade” (Canez, 2008, p.122).	<i>“Anjo meu faz ó-ó que eu velo por ti”</i>
Criança Adorada***	Referências à criança como um ser adorado.	<i>“Gosto de ti desde aqui até à lua gosto de ti desde a lua até aqui”</i>
Berço Sagrado*	O berço surge adornado com finos tecidos, tornando-o digno de uma criança considerada sagrada por sua mãe. O alecrim é usado junto ao berço pois é considerado sagrado pela religião popular (Santo, 1990).	<i>“No teu berço de alecrim lençolzinho de cambraia camisinha de cetim”</i>

2. Introdução do Bom Objeto Idealizado

Estrelas***	Esta surge como uma “luz” de presença, que ilumina a escuridão da noite (por exemplo, “estrelas” ou “estrelinha”).	<i>“Brilha, brilha lá no céu a estrelinha que nasceu fica o céu iluminado”</i>
Experiência positiva de si próprio (p.ex., feliz, contente, saciado, etc)***	Inclui as referências a experiências prazerosas.	<i>“Porque se sente feliz”</i>
Luz (incluindo o amanhecer ou nascer do sol)***	Referências ao amanhecer ou nascer do sol.	<i>“E amanhã cedinho bem cedinho”</i>
Fenômenos meteorológicos benéficos***	Alusão a fenômenos meteorológicos sempre que estes são considerados ‘bons’.	<i>“O vento que sopra vai-te embalar”</i>
Sono*	Inclui a personificação do ‘sono’. Esta personificação surge como uma reminiscência mitológica (Leite Vasconcellos, 1907), adaptada a uma linguagem contemporânea.	<i>“O sono é um amigo”</i>
Mãe (Pai) (enquanto figura disponível e atenciosa)***	A mãe e o pai surgem como figuras disponíveis, atenciosas e parecem transmitir segurança e tranquilidade à criança no momento em que está para adormecer.	<i>“Que a mamã e o papá vão estar sempre a teu lado”</i>
Anjos*	Os “Anjos” surgem de forma constante na literatura tradicional, na qual as canções de embalar se inserem, como referência às “ideias cristãs” (Leite Vasconcellos, 1907, p. 50). Ainda de acordo com este autor são-lhes atribuídas ideias benéficas.	<i>“Que o anjo da Guarda vela por ti ali ao lado”</i>
Deus (enquanto figura provedora e protetora)***	Remete para ‘Deus’ como uma figura que providencia alimento e proteção.	<i>“O pão nosso de cada dia nos dai hoje, nos dai hoje”</i>
Sonhos (guardião do sono)***	Apelos das mães para que a criança tenha ‘sonhos lindos’ (e que estes “guardem” o sono e previnam o acordar).	<i>“Sonhos lindos”</i>
João Pestana***	Surge como uma reminiscência das entidades sagradas, que o povo adotou numa forma pagã, apelidando-a de “João Pestana” e que “infunde o sono ao menino, e o leva e o guarda até que este acorde” (Leite Vasconcellos, 1907, p. 56). Esta entidade surge nas canções de embalar como facilitadora do sono e protetora da criança, até que esta acorde.	<i>“E o João Pestana vem caminho embalar o Duarte num bom soninho”</i>
Jesus*	As referências a Jesus como um amigo.	<i>“Tenho um amigo que me ama seu nome é Jesus”</i>
Virgem Maria*	A Virgem Maria, nas canções de embalar, é invocada para proteger a criança quando esta começa a dormir (Leite Vasconcellos, 1907).	<i>“Apareceu brilhando a Virgem Maria”</i>

3. Introdução do Mau Objeto

Experiência negativa de si próprio (p.ex., triste, infeliz, esfomeado, etc)***	Alusão a experiências negativas por parte da criança o do seu representante simbólico (p.ex., sono, tristeza, solidão, infelicidade, fome).	<i>“fico triste se não vem”</i>
Escurecimento (incluindo o anoitecer)***	Surgem aqui as referências à escuridão da noite mas também ao anoitecer.	<i>“Outra que eu souber na noite escura”</i>
Papão*	De acordo com Vasconcellos (1907), o Papão é a entidade malévola “e perseguidora das crianças enquanto dormem” (Leite Vasconcellos, 1907, p. 67). Geralmente o Papão é mandado embora pelas mães, sugerindo “vestígios de fórmulas mágicas e execratórias” (Leite Vasconcellos, 1907, p. 67).	<i>“Ó Papão vai-te embora de cima desse telhado”</i>
Fenômenos meteorológicos adversos***	Alusão a fenômenos meteorológicos sempre que estes são considerados ‘maus’ ou ‘destruidores’.	<i>“mas o vento a soprar leva o balão pelo ar”</i>
Mãe (enquanto figura agressiva e temida)***	Inclui as alusões à mãe sempre que esta se mostra agressiva ou temida.	<i>“Ó minha mãe não me bata que eu ainda sou pequenino”</i>

4. Introdução do Terceiro

Trabalho da mãe*	Todas as alusões à ausência da mãe em virtude do seu trabalho.	<i>“Que a mamã tem de ir lavar as fraldinhas ao mondego”</i>
------------------	--	--

Introdução do pai e outros familiares**	Remete para os excertos em que são identificados o pai e/ou outros familiares.	<i>“Á á à a menina é do papá iu iu iu a menina é do tio ó ó ó a menina é da vovó”</i>
Mãe e pai ausentes*	Engloba a referência às ausências, simultâneas, do pai e da mãe.	<i>“teu pai foi ao eiró tua mãe à borboleta”</i>
5. Aparecimento da Sexualidade		
Simbolização da cena primitiva*	Alude à relação romântica entre pai/ mãe e surge nos excertos geralmente em forma de diálogo homem/mulher (frequentemente num contexto de namoro e/ou sedução).	<i>“A rolinha ia, ia debaixo d’água apanhar enguia dá-me um abraço isso é que eu não faço dá-me um beijinho eu dou eu dou”</i>
Saias***	Remete para o significado de “arredondar as saias” como uma alusão à sexualidade.	<i>“Ó Rosa arredonda a saia”</i>
Excitação***	Esta subcategoria aponta para a euforia e excitação sentidas na presença do outro, neste contexto pela mulher/mãe, na presença do homem/pai.	<i>“Ninguém acredita no estado em que fica o meu coração quando o sete me apanha até acho que a senha me salta da mão mais nada me dá a pica que a pica do sete me dá”</i>

Notas: * subcategorias adotadas de Amaral Dias (1986); **categorias expandidas [mantendo a designação de Amaral Dias (1986)]; ***novas subcategorias definidas neste estudo.

Importa neste momento fundamentar a expansão e redefinição das subcategorias relativamente ao estudo de Amaral Dias (1986). Uma das diferenças mais significativas entre este estudo e o seu precedente/percussor prende-se com a inclusão de seis subcategorias, agrupadas em três pares antitéticos, incluídas nas categorias “Introdução do Bom Objeto Idealizado” e “Introdução do Mau Objeto”, a saber: i) “Experiência positiva de si próprio” vs. “Experiência negativa de si próprio”, ii) “Fenómenos meteorológicos benfazejos” vs. “Fenómenos meteorológicos adversos”, iii) “Luz” vs. “Escuridão”.

O primeiro par antitético foi definido tendo por base os trabalhos de Ogden (1990, 2004). Este autor defende que a internalização das relações objetais implica uma dissociação do Ego em suborganizações capazes de gerar significados e experiências: i) suborganizações do *Self* do Ego (“*self-suborganizations of ego*”); ii) suborganizações de Objeto do Ego (“*object suborganizations of ego*”). As últimas dizem respeito à construção de significados através da identificação do Ego com o Objeto, incluindo as experiências positivas e negativas do objeto (por exemplo, a experientiação de uma mãe atenciosa ou negligente) (estas encontram-se espelhadas em subcategorias tais como “Mãe (Pai) (enquanto figura disponível e atenciosa)”. As primeiras (que estão na base das duas subcategorias adicionadas no presente estudo) concernem os aspectos do Ego em que o indivíduo vivencia ideias e sentimentos como sendo próprios, incluindo as experiências de si próprio positivas e negativas (por exemplo, o bebé saciado ou esfaimado). O segundo par antitético foi definido tendo por base a constatação, decorrente da leitura das canções, que os fenómenos meteorológicos são frequentemente invocados em associação a experiências agradáveis / prazerosas e desagradáveis / dolorosas.

Um exemplo paradigmático desta(s) subcategoria(s) é o “vento”, que tanto pode auxiliar no embalo como revelar-se uma força destruidora. O último par antitético reenvia-nos para uma das experiências universais da infância – o medo do escuro –, o qual remete, segundo Amaral Dias e Pracana (2016) para a ausência, nomeadamente da mãe ou da pessoa amada:

Pensemos nos medos da criança, sobretudo no medo do escuro. A nosso ver, o protótipo do estranho é a ausência de luz, como se a ausência de luz remetesse para a angústia da ausência. Da angústia da ausência, espécie de terror sem nome, passa-se à ausência propriamente dita da mãe (...) nestas angústias, arcaicas e filogenéticas, refletidas nas várias mitologias e, mais recentemente, na literatura de terror, o mundo da morte é um mundo escuro (Amaral Dias e Pracana, 2016, p. 56).

Segundo Leite Vasconcellos (1907), a escuridão surge nas canções de embalar como uma reminiscência das antigas ideias míticas, transmitidas pela tradição, onde a meia-noite seria a hora propícia para aparecerem figuras sinistras como o lobisomem, as feiticeiras, o diabo ou as bruxas. A escuridão da noite parece assim indelevelmente associada ao medo e a luz do dia, o amanhecer ou nascer do sol parece fazê-lo desaparecer, assim como a todas as figuras sinistras associadas à noite. Esta dialética luz/escuridão, os significados que estão “atracados” a cada um dos elementos deste binómio e a sua conexão com as vivências precoces no contexto da relação entre a criança e cuidador, foram exemplarmente descritas por Freud nas “Conferências introdutórias sobre psicanálise”:

Em crianças, as primeiras fobias relativas a situações são aquelas provocadas pela escuridão e pela solidão. A primeira destas frequentemente persiste por toda a vida; ambas estão envolvidas quando a criança sente a ausência de alguma pessoa amada, que cuida dela - ou seja, sua mãe. Enquanto encontrava-me no aposento ao lado, ouvi uma criança, com medo do escuro, dizer em voz alta: ‘Mas fala comigo, titia. Estou com medo!’ ‘Por que? De que adianta isso? Tu nem estás me vendo.’ A isto a criança respondeu: ‘Se alguém fala, fica mais claro’ (Freud, 1917/1969c, p. 408).

Precisamente pelo facto de a luz ser equacionada com a presença de algo ou alguém protetor, como a mãe em última instância, considerou-se relevante incluir a subcategoria “Estrelas” no contexto da categoria “Introdução do Bom Objeto Idealizado”. Esta aparece geralmente associada ao anoitecer, facultando um remanescente luminoso perante a ameaça da escuridão total, uma espécie de luz de presença que auxilia a criança a suportar a separação implícita no

anoitecer. Ou seja, nas canções de embalar as “Estrelas” parecem ocupar o lugar de um objeto transicional, no sentido que lhe confere Winnicott (1975), como representante da mãe na sua ausência.

Foram ainda expandidas as seguintes subcategorias já presentes em Amaral Dias (1986): “Sagrada Família (Família Simbólica)”; “Introdução do pai e outros familiares”. A subcategoria “Sagrada Família (Família Simbólica)” remete para as alusões diretas à Sagrada Família (e.g. Pai Nosso, Virgem Maria ou ao local de nascimento de Jesus). Considerando as duas famílias de Jesus, a Sagrada e a humilde, constituída por José, Maria e o menino (Amaral Dias, 1986), entendeu-se também pertinente acrescentar outras referências à família simbólica, onde se estabelece uma analogia entre esta e a família humana. Quanto à subcategoria “Introdução do pai e outros familiares”, a expansão relativamente a Amaral Dias (1986), consistiu na adição de “outros familiares” para além do pai. Esta decisão foi fundamentada na consideração de que não só o pai, como também outros familiares (e.g. tio, avós) se enquadram na definição da categoria “Introdução do terceiro” (à qual esta subcategoria pertence): o terceiro como aquele que se vai introduzindo na relação fusional entre a mãe e a criança e que progressivamente permite o inter-investimento nesta mesma relação.

Quanto à emergência de novas subcategorias, foram identificadas: “Criança Idealizada”, “Criança Adorada”, “Mãe (Pai) (enquanto figura disponível e atenciosa)”, “Deus (enquanto figura provedora e protetora)”, “Sonhos (guardião do sono)”, “Mãe (enquanto figura agressiva e temida)”, “Saías” e “Excitação”. As definições destas subcategorias encontram-se detalhadas na Tabela 4. Salienta-se apenas que a subcategoria “Criança Idealizada” remete para o que Freud (1914/1969b) afirma a propósito do narcisismo. Segundo este autor, as atitudes afetuosas dos pais para com os seus filhos são uma “revivescência e reprodução do seu próprio narcisismo” (Freud, 1914/1969b, p. 97). As atitudes emocionais, dos pais, regidas pela supervalorização leva-os à compulsão de atribuírem características perfeitas a seus filhos (Freud, 1914/1969b), o que reflete uma idealização da criança e que fundamenta esta nova subcategoria. A subcategoria “Criança Adorada” remete para as referências à criança como um ser adorado, refletindo um investimento narcísico da mãe, em que esta se vê a adorar a criança tanto quanto é adorada por si, o que se enquadra na definição da categoria em que se insere, proposta por Amaral Dias (1986). A subcategoria “Sonhos”, uma vez mais apela a Freud (1901/1969a) e à noção da função dos sonhos tal como guardião do sono.

Resultados

No que concerne à utilização de canções de embalar verificou-se que 54,8% ($n = 46$) das mães cantavam para os seus filhos na hora de adormecê-los. Não se verificaram associações estatisticamente significativas com a maior parte das variáveis sociodemográficas, profissionais e familiares, com exceção das seguintes: rendimentos do agregado familiar [$\chi^2(2; n = 83) = 6,978, p = 0,031, v = 0,290$], em que a utilização das canções de embalar parece ser mais frequente nos escalões de rendimento mais baixo e mais elevado; idade do filho mais novo ($U = 557,500, z = -2,880, p = 0,004$), onde a utilização de canções de embalar parece estar associado a crianças mais novas [$M = 15,59$ meses ($DP = 9,502$)] e a não utilização de canções a crianças mais velhas [$M = 23,16$ meses ($DP = 10,909$)].

Não se verificaram associações estatisticamente significativas com a vivência da gravidez (e.g. complicações médicas, perdas e outras situações com impacto emocional percebido). No que respeita às questões associadas com a religião (e a sua prática), verificaram-se associações estatisticamente significativas entre o uso de canções de embalar e a identificação com uma crença religiosa [$\chi^2(1; n = 84) = 4,812, p = 0,028, phi = 0,272$], mas não com a prática religiosa regular. Assim, as pessoas que afirmam pertencer a alguma religião parecem apresentar maior propensão a utilizar canções de embalar.

Em relação às rotinas para adormecer, 86,9% ($n = 73$) das participantes identificaram uma rotina no adormecer da criança. Trata-se uma atividade maioritariamente exercida pela mãe, mas que em 37% ($n = 31$) dos casos o pai também participa. Verificou-se que a canção de embalar é frequentemente combinada com outras atividades, como contar histórias (Tabela 5).

Tabela 5
Rotinas e atividades para adormecer ($n = 84$)

		<i>n</i>	%
Rotina para adormecer	Sim	73	86,9
	Não	11	13,1
Quem adormece a criança	Mãe	50	59,5
	Pai	5	6,0
	Casal	26	31,0
	Outros	3	3,5
Atividades para adormecer	Cantar	20	23,8
	Cantar e contar história	15	17,9
	Cantar e outra atividade	13	15,5
	Contar história	16	19,0
	Ver televisão	7	8,3
	Outra atividade	12	14,3
	Sem informação	1	1,2

Notas: n = número de sujeitos.

No que respeita às “reações às canções de embalar”, a mais frequente na criança é a “acalmia” ($n = 16$; 34,8%), embora seja bastante frequente a identificação de reações de “satisfação” ($n = 6$; 13,0%), “atenção” ($n = 6$; 13,0%) e a “conjugação de acalmia e/ou satisfação e/ou atenção” ($n = 8$; 17,4%) (Tabela 6).

Tabela 6
Reações à canção de embalar ($n = 46$)

		<i>n</i>	%
Reação à canção de embalar	Acalmia / relaxamento / tranquilização	16	34,8
	Satisfação / gosto / sorriso	6	13,0
	Atenção / admiração	6	13,0
	Conjugação de acalmia e/ou satisfação e/ou admiração	8	17,4
	Outras reações	9	19,6
	Sem informação	1	2,2

Notas: n = número de sujeitos.

No que concerne à “transmissão intergeracional” foi possível identificar uma relação estatisticamente significativa entre as variáveis (utilizar canções de embalar e terem cantado para si enquanto criança) [$\chi^2 (1; n = 84) = 11,927, p = 0,001, phi = 0,401$], onde 71,8% ($n = 33$) das mães que atualmente utilizam canções de embalar, também tiveram alguém que cantou para elas quando eram crianças (Tabela 7).

Tabela 7
Transmissão intergeracional ($n = 84$)

		Utiliza atualmente canções de embalar				Teste Qui-quadrado
		Sim	%	Não	%	
		<i>n</i>		<i>n</i>		
Cantavam para si quando era criança	Sim	33	71,80	12	31,58	$\chi^2 = 11,927$ $gl = 1$ $p = 0,001$
	Não	13	28,20	26	68,42	
Total		46	100,0	38	100,0	84

Notas: n = números de sujeitos; χ^2 = teste Qui-quadrado; gl = grau de liberdade; p = nível de significância.

Não apenas o ato de cantar, mas também as canções de embalar propriamente ditas parecem transitar de geração em geração. Em 63,6% ($n = 21$) dos casos a canção que estas mães cantam atualmente aos seus filhos na hora dos adormecer é a mesma que cantavam para si quando era criança. Esta transmissão intergeracional parece operar essencialmente por via materna, com a participação dos avós em 33,3% dos casos (Tabela 8).

Tabela 8*Transmissão intergeracional das canções (n = 33)*

		<i>n</i>	%
As canções que lhe cantavam são as mesmas que canta ao seu filho?	Sim	21	63,6
	Não	12	36,4
Quem cantava para si?	Mãe	12	36,4
	Mãe e avós	8	24,2
	Mãe e outros familiares	9	27,3
	Avós	3	9,1
	Sem informação	1	3,0

Notas: n = número de sujeitos.

Passaremos agora a apresentar os resultados concernentes à análise de conteúdo efetuada sobre as canções de embalar recolhidas. A categorização efetuada permitiu identificar 125 unidades de registo. Verificou-se que a categoria com maior incidência é “Introdução do Bom Objeto Idealizado” ($n = 64$; 51,20%), seguida de: “Introdução do Mau Objeto” ($n = 29$; 23,20%); “Criança Sagrada” ($n = 15$; 12,00%); “Aparecimento da Sexualidade” ($n = 10$; 8,00%); e, por último, “Introdução do Terceiro” ($n = 7$; 5,60%) (Tabela 9). A Tabela 9, para além de conter estes resultados, permite compará-los com os resultados obtidos por Amaral Dias (1986). Efetivamente, verificaram-se diferenças estatisticamente significativas [χ^2 (4; $n = 309$) = 54,264, $p = 0,000$, $v = 0,419$] na frequência das unidades de registo das categorias entre o presente estudo e o de Amaral Dias (1986). No presente estudo foram mais frequentes as categorias “Introdução do Bom Objeto Idealizado” ($n = 64$; 51,2%) e “Introdução do Mau Objeto” ($n = 29$; 23,2%) comparativamente à frequência de ($n = 36$; 19,6%) e de ($n = 27$; 14,7%), respetivamente, no estudo de Amaral Dias (1986). Relativamente ao estudo de Amaral Dias (1986), importa ainda assinalar que as categorias “Criança Sagrada” ($n = 15$; 12,0%) e “Introdução do Terceiro” ($n = 7$; 5,6%) apresentam uma frequência notoriamente inferior ($n = 70$; 38% para a “Criança Sagrada”; $n = 35$; 19,0% para a “Introdução do Terceiro” no estudo de Amaral Dias, 1986). A categoria “Aparecimento da Sexualidade” ($n = 10$; 8,0%) é pouco frequente, tanto neste estudo como no de Amaral Dias (1986) ($n = 16$; 8,7%).

Tabela 9*Tabela de frequências comparativas entre o presente estudo e o de Amaral Dias (1986)*

Categorias	Presente Estudo		Amaral Dias (1986)		Teste Qui-quadrado
	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%	
1. Criança Sagrada	15	12,0	70	38,0	$\chi^2 = 54,264$ $gl = 4$ $p = 0,000$
2. Introdução do Bom Objeto Idealizado	64	51,2	36	19,6	
3. Introdução do Mau Objeto	29	23,2	27	14,7	
4. Introdução do Terceiro	7	5,6	35	19,0	
5. Aparecimento da Sexualidade	10	8,0	16	8,7	
Total	125	100,0	184	100,0	$N = 309$

Notas: *n* = número de unidades de registo; % = frequência relativa percentual; *N* = número de unidades de registo total dos dois estudos; χ^2 = teste qui-quadrado; *gl* = graus de liberdade; *p* = nível de significância.

Na categoria “Introdução do Bom Objeto Idealizado” ($n = 64$) verificou-se que “Estrelas” era a subcategoria com maior frequência 28,1% ($n = 18$), seguida da subcategoria “Luz” que apresentou uma frequência de 12,5% ($n = 8$). Considerando que estas subcategorias têm em comum “algo que ilumina” é pertinente referir que, quando consideradas conjuntamente, constituem 40,6% ($n = 26$) das referências ao bom objeto. Ainda considerando o conjunto que agrega “luz (incluindo o amanhecer ou nascer do sol)” e “estrelas” verificou-se que, relativamente à frequência relativa acumulada no total da amostra ($N = 125$), estas ocorreram em 20,8% ($n = 26$) das canções de embalar.

A subcategoria “Experiência positiva de si próprio” (e.g. felicidade, contentamento, alegria, etc.) emergiu em 23,4% ($n = 15$) das referências ao bom objeto, seguindo-se as seguintes subcategorias por ordem decrescente: “Fenómenos Meteorológicos Benfazejos” e “Sono” com 6,3% ($n = 4$); “Mãe (pai) enquanto figura disponível e atenciosa”, “Anjos” e “Deus enquanto figura provedora e protetora” com 4,7% ($n = 3$); “Sonhos (Guardião do sono)” e “João Pestana” com 3,1% ($n = 2$); “Jesus” e “Virgem Maria” em 1,6% ($n = 1$) dos casos.

Na categoria “Introdução do Mau Objeto” ($n = 29$) verificou-se que “Experiência Negativa de Si Próprio” foi a subcategoria que surgiu com maior frequência, constituindo 41,4% ($n = 12$) das referências ao mau objeto, seguindo-se: “Escurecimento incluindo o anoitecer” com 31,0% ($n = 9$), “Papão” com 17,2% ($n = 5$), “Fenómenos meteorológicos adversos” com 6,9% ($n = 2$) e “Mãe (enquanto figura agressiva e temida) com uma frequência de 3,4% ($n = 1$).

Na categoria “Criança Sagrada” ($n = 15$) a subcategoria mais representada foi a “Sagrada Família (família simbólica)” com 46,7% ($n = 7$) das referências, seguindo-se: “Criança Idealizada” com 26,7% ($n = 4$), “Anjinho” com 13,3% ($n = 2$), “Criança Adorada” e “Berço Sagrado” com uma frequência de 6,7% ($n = 1$) dos casos.

Na categoria “Aparecimento da Sexualidade” ($n = 10$) verificou-se um predomínio da subcategoria “Simbolização da cena primitiva”, que congregou 80,0% ($n = 8$) dos excertos referentes à sexualidade, seguida de “Saías” e “Excitação” com uma frequência de 10,0% ($n = 1$) das referências. Na categoria “Introdução do Terceiro” ($n = 7$) o “Trabalho da mãe” foi a subcategoria que maior frequência apresentou 57,1% ($n = 4$), seguida das subcategorias “Introdução do pai e outros familiares” com 28,6% ($n = 2$) e “Mãe e pai ausentes” com 14,3% ($n = 1$) dos casos.

Tabela 10*Tabela de frequência relativa / relativa acumulada das subcategorias definidas*

Categories	Subcategorias	n	%	% (N=125)
1. Criança Sagrada	Família Sagrada (Família Simbólica)	7	46,7	5,6
	Criança Idealizada	4	26,7	3,2
	Anjinho	2	13,3	1,6
	Criança Adorada	1	6,7	0,8
	Berço Sagrado	1	6,7	0,8
	Total		15	100,0
2. Introdução do Bom Objeto Idealizado	Estrelas	18	28,1	14,4
	Experiência positiva de si próprio (p. ex. feliz, contente, saciado, etc)	15	23,4	12,0
	Luz (incluindo o amanhecer ou nascer do sol)	8	12,5	6,4
	Fenómenos meteorológicos benfazejos	4	6,3	3,2
	Sono	4	6,3	3,2
	Mãe (Pai) enquanto figura disponível e atenciosa	3	4,7	2,4
	Anjos	3	4,7	2,4
	Deus (enquanto figura provedora e protetora)	3	4,7	2,4
	Sonhos (Guardião do Sono)	2	3,1	1,6
	João Pestana	2	3,1	1,6
	Jesus	1	1,6	0,8
	Virgem Maria	1	1,6	0,8
	Total		64	100,0
3. Introdução do Mau Objeto	Experiência negativa de si próprio (p. ex. triste, infeliz, esfomeado, etc)	12	41,4	9,6
	Escurecimento (incluindo o anoitecer)	9	31,0	7,2
	Papão	5	17,2	4,0
	Fenómenos meteorológicos adversos	2	6,9	1,6
	Mãe (enquanto figura agressiva e temida)	1	3,4	0,8
Total		29	100,0	23,2
4. Introdução do Terceiro	Trabalho da mãe	4	57,1	3,2
	Introdução do pai e outros familiares	2	28,6	1,6
	Mãe e pai ausentes	1	14,3	0,8
Total		7	100,0	5,6
5. Aparecimento da Sexualidade	Simbolização da cena primitiva	8	80,0	6,4
	Saías	1	10,0	0,8
	Excitação	1	10,0	0,8
Total		10	100,0	8,0
	Total*			100,0

Notas: n = número de unidades de registo na categoria; % = frequência relativa percentual; % (N = 125) = frequência relativa acumulada percentual para o total de unidades de registo; Total = total da frequência por subcategoria; Total* = Total da frequência percentual para a toda a amostra; p. ex. = por exemplo.

Considerou-se pertinente a categorização das canções recolhidas em “religiosas” (que incluíam nas suas letras a presença de elementos associados à religião) e “profanas” (com ausência de elementos religiosos no seu conteúdo), seguindo as indicações de Amaral Dias

(1986). Esta categorização permitiu identificar uma significativa predominância das “profanas”, com 82,9% das canções ($n = 58$), relativamente às “religiosas”, com 17,1% das canções ($n = 12$). A Tabela 11 detalha as diferenças ao nível dos conteúdos, entre as canções religiosas e as profanas. De forma similar ao estudo de Amaral Dias (1986), as canções religiosas são caracterizadas por um maior domínio das categorias “Criança Sagrada” e “Introdução do Bom Objeto Idealizado” e as profanas por uma maior frequência das categorias “Introdução do Mau Objeto” e “Aparecimento da Sexualidade”.

Verificou-se que as canções “profanas” identificadas neste estudo apresentam uma maior referência à categoria “Introdução do Bom Objeto Idealizado” (51,0%; $n = 54$), ao contrário do estudo de Amaral Dias (1986), onde a frequência da categoria “Introdução do Bom Objeto Idealizado” se verifica em apenas 2,4% ($n = 2$) dos casos (Tabela 11).

Tabela 11

Comparação dos conteúdos das canções de embalar consoante a presença/ausência de elementos religiosos

Categorias	Presente Estudo				Amaral Dias (1986)			
	Religiosas ($N = 12$)		Profanas ($N = 58$)		Religiosas		Profanas	
	n	%	n	%	n	%	n	%
1. Criança Sagrada	6	31,6	9	8,5	54	53,0	16	19,5
2. Introdução do Bom Objeto Idealizado	10	52,6	54	51,0	34	33,3	2	2,4
3. Introdução do Mau Objeto	0	0	29	27,3	0	0	27	33,0
4. Introdução do Terceiro	2	10,5	5	4,7	14	13,7	21	25,6
5. Ap. Sexualidade	1	5,3	9	8,5	0	0	16	19,5
Total	19	100,0	106	100,0	102	100,0	82	100,0

Notas: N = número de canções de embalar; n = número unidades de registo.

Discussão e conclusão

As canções de embalar parecem continuar a ser um aspecto importante na relação precoce mãe/bebé, sendo que mais de 50% das mães inquiridas cantam para os seus filhos na hora de os adormecer. A utilização de canções de embalar parece ser transversal a diversas características individuais e familiares (embora esteja associada a crianças mais novas e às mães que se identificam com uma crença religiosa). São usadas maioritariamente pela mãe, mas também por outros familiares significativos, o que vai ao encontro da extensão da função continente ao pai, referida por Amaral Dias (1986).

As reações identificadas que, para além da acalmia, já referida por Castro (2004, 2014) e Trainor (1996), parecem também incluir a atenção (também ela mencionada por Trainor, 1996) e a satisfação. Estes resultados sustentam a hipótese que as canções não servem

unicamente o objetivo de adormecer, mas também de introduzir a criança ao mundo (que ela deseja conhecer) (Lorca, 1964).

A transmissão intergeracional, que essencialmente opera por via materna com participação dos/das avós, aparenta estar presente. Esta hipótese parece encontrar sustento nas próprias canções de embalar tradicionais, onde se encontram referências explícitas às aprendizagens efetuadas junto de mãe e avós:

A cantiga do ró ró
 Minha mãe m'a ensinou;
 Quando eu estava no berço,
 Logo m'a ella cantou.

Cantiguinhas do rô rô
 Minha avó m'as ensinou;
 Quando eu estava no berço,
 Foi que m'as ella cantou.
 (Vasconcellos, 1907, p. 27)

Paralelamente a esta dimensão intergeracional familiar associada à transmissão das canções de embalar, importa assinalar o impacto dos produtos culturais que estavam em voga durante a infância das mães atuais (quer estes tenham sido utilizados/apropriados pelas suas próprias mães ou não). Assim, a análise das canções de embalar recolhidas permitiu identificar duas canções populares, que se repetem quatro vezes cada uma: a primeira versão do “Vitinho”, que surgiu em 1986, e “O sono é uma casa”, que surgiu em 1989. A década de 1980 foi marcada por uma grande inovação na televisão a cores (Silva, 2010), sendo que estas canções de embalar eram transmitidas na RTP1, a seguir ao Telejornal, tendo por objetivo “enviar os mais pequenos para a cama”. As mães que hoje em dia as cantam para os seus filhos, eram as crianças que as ouviam quando eram transmitidas na televisão. Estes dados sustentam a hipótese das canções de embalar serem influenciadas pela dimensão cultural (Machado, 2012), com as letras e as músicas das canções de embalar a sofrerem modificações de acordo com os conteúdos veiculados nos meios de comunicação social. Em resumo, os resultados parecem assim sugerir que a forma como as mães expressam as suas fantasias (as letras das canções de embalar) é sensível e modificada pelos conteúdos culturais a que são expostas.

Relativamente à análise de conteúdo efetuada, importa destacar os seguintes resultados: 1) frequência com que as diferentes categorias e subcategorias emergem nas canções; 2) diferenças e semelhanças entre as canções utilizadas pelas mães na contemporaneidade e aquelas registadas pela tradição no início do século XX por Leite Vasconcellos (1907).

Relativamente ao primeiro ponto, destaca-se a posição primordial que a “Introdução do Bom

Objeto Idealizado” parece deter no conjunto de canções recolhidas (e a menor frequência com que emerge o Mau Objeto). Estes dados podem ser compreendidos à luz da proposta kleiniana de um mundo fantasmático primitivo, pontuado pela clivagem dos objetos, característico da posição esquizoparanóide. Segundo esta linha de pensamento, a integração dos objetos parciais torna-se possível quando as experiências boas predominam sobre as experiências más, quando o objeto bom é sentido como superando o objeto mau, facilitando e facultando o acesso à posição depressiva. Neste sentido, a predominância das referências ao Bom Objeto e a menor frequência do Mau Objeto nas canções de embalar, podem favorecer a passagem da posição esquizoparanóide à posição depressiva e a integração simultânea do ego e do objeto (Segal, 1973/1975). Por outro lado, as canções parecem traduzir em palavras a relação continente-conteúdo proposta por Bion (1962/1984a, 1967/1984b), com o Bom Objeto a ser invocado para auxiliar a mãe na proteção da criança e o Mau Objeto a ser expelido (por exemplo, “vai-te embora Papão”), um aspecto já sublinhado por Amaral Dias (1986) no seu estudo.

Comparativamente, as categorias “Introdução do Terceiro” e “Aparecimento da Sexualidade” surgem com menor regularidade. Esta característica das canções de embalar já havia sido igualmente identificada por Amaral Dias (1986). Segundo este autor, a pouca frequência com que estes elementos são referidos parece dar a ilusão à criança que a mãe está completamente adaptada a ela. Segundo Winnicott (1975), a ilusão é o que permite ao bebé a experiência de confiança na mãe e nos outros, facilitando a separação inerente ao momento do adormecimento. A frequência com que surge a subcategoria “Estrelas”, enquanto luz que ilumina com o intuito de vadear a escuridão e o medo da noite, sugere que estas podem funcionar como representantes da mãe, ou seja, como objetos transicionais (Winnicott, 1975), permitindo à criança gerir a angústia de separação que a escuridão da noite lhe provoca. Esta função transicional inerente à canção de embalar parece ir ao encontro do estudo de Carvalho (1994).

Relativamente às diferenças entre as canções contemporâneas e as tradicionais, importa salientar que a categoria “Criança Sagrada” surge com uma frequência substantivamente inferior. Segundo Amaral Dias (1986), nas canções de embalar tradicionais, a incidência desta categoria parece facultar um modelo de família, uma espécie de Ideal do Ego Familiar. Adicionalmente, Amaral Dias (1986), salienta que as referências à Sagrada Família aparentam inscrever a criança na completude de uma família simbólica, com Deus como pai simbólico. Podemos avançar duas hipóteses complementares de compreensão para estas diferenças. Primeiramente é possível hipotetizar que, na atualidade, o enfoque das fantasias

maternas precoces é substantivamente colocado numa dimensão objetual, mais do que no domínio simbólico. Em segundo lugar, a menor frequência destas referências ao modelo simbólico de família, parece sugerir que não existe (ou é menos vincado) um ideal de família, o que poderá revelar e propiciar uma maior aceitação das novas constelações familiares, que se vão observando na atualidade. Neste sentido, as diferenças observadas entre o presente estudo e o de Amaral Dias (1986), prender-se-iam sobretudo com os diferentes momentos históricos em que as canções foram recolhidas, primeiro quartel do século XXI no primeiro caso, início do século XX no segundo. Segundo Leandro (2006), na primeira metade do século XX...

A formação da família estava estritamente associada ao casamento, tal como era preconizado pelas orientações religiosas e sociais. A bem dizer, as rupturas familiares, com ou sem divórcio eram mínimas. As tradicionais tarefas atribuídas a cada um dos cônjuges, ao pai e à mãe, extremamente hierarquizados, pareciam solidificadas. As gerações manifestavam formas de solidariedade mais ou menos intensas entre elas. Enfim, a forma de família nuclear conjugal, preconizada pela Igreja Católica e pela burguesia do século XIX: um casamento estável, uma mãe ocupando-se da educação dos filhos, dos cuidados aos doentes e da vida doméstica, sob a autoridade do «*pater familias*» (...) parecia triunfar um pouco por todo o lado (Leandro, 1986, p. 67).

Ainda segundo a mesma autora, na segunda metade do século XX emergem profundas transformações nas famílias, com o aparecimento (ou, pelo menos, aumento de frequência) de outras formas de família (por exemplo, homossexual, reconstruída, monoparental). Neste sentido, o menor enfoque no modelo de família nuclear (desatualizado) que o menor número de referências à Sagrada Família permite intuir, pode traduzir um movimento de adaptação das canções às condições socioculturais vigentes. Por outro lado, Amaral Dias (1986) assinala que as referências à Sagrada Família parecem estar intimamente associada às canções de cariz religioso. Neste sentido, os resultados do presente também trazem para a discussão a posição da religião no quotidiano familiar contemporâneo. Segundo Leandro (2006, p. 69), “a tradição e a religião católica não constituem, hoje, para a maioria dos portugueses um suporte de legitimação, quer para as suas opções em matéria familiar, quer mesmo para a forma de casamento, uma vez que também o casamento religioso, embora maioritário, perde terreno em Portugal”. Para além disso, importa assinalar que no presente estudo verificou-se uma predominância de canções (“profanas”) onde não emergia qualquer

elemento religioso. De qualquer forma, afigura-se relevante assinalar que as diferenças entre canções religiosas e profanas encontradas no presente estudo são similares às encontradas por Amaral Dias (1986) na compilação de canções recolhida no início do século XX por Leite Vasconcellos (1938).

Consideramos que a presente investigação revela algumas limitações de carácter metodológico. A primeira é relativa ao processo de amostragem, não probabilístico, por conveniência e bola de neve, que se reflete num enviesamento da amostra (por exemplo, a nossa amostra é caracterizada por uma menor representatividade de sujeitos com baixa escolaridade e residentes em zonas rurais). Sugere-se a realização de futuros estudo que colmatem esta limitação, por exemplo, através de um processo de recolha junto de consultas de saúde infantil existentes em centros de saúde e maternidades ou creches, cuja população congrega uma maior variabilidade sociodemográfica. Ainda no campo da metodologia, importa assinalar que a comparação entre canções de embalar contemporâneas e registadas pela tradição deve ser considerada com prudência. Assim, o estudo de Amaral Dias (1986), foca uma recolha etnográfica (em que não existem canções repetidas e onde não existe uma informação quantificável sobre quais são mais ou menos utilizadas) enquanto o presente estudo foca os dados decorrentes de uma recolha junto das mães (onde são consideradas as repetições para efeitos de análise dos resultados).

Por último, importa assinalar um dos principais contributos do presente estudo que consistiu na ampliação das subcategorias originalmente definidas por Amaral Dias (1986). Esta ampliação sugere que futuros estudos possam equacionar a introdução de diferentes categorias e subcategorias que deem conta, por exemplo, das referências nas canções ao processo de separação-indivuação, tal como proposto por Mahler, ou ao receio da castração.

Referências Bibliográficas

- Amaral Dias, C. (1986). A contribution to the study of the importance of maternal fantasies in early mother/child interaction. Em *Olá Bêbé - Early Parent-Infant Communication* (pp. 179-189). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Amaral Dias, C. (1988). *Para uma psicanálise da relação*. Lisboa: Edições Afrontamento.
- Amaral Dias, C. e Pracana, C. (2016). *Quando o estranho bate à porta*. Lisboa. Climepsi.
- Bardin, L. (2014). *Análise de conteúdo*. (Reto, Luís; Pinheiro, Augusto, Trad., 4ª ed.). Lisboa: Edições 70. (Trabalho original em francês publicado em 1977)
- Brazelton, T. B. e Cramer, B. G. (1989). *A relação mais precoce, os pais, os bebês e a interação precoce*. Lisboa: Terramar.
- Bion, W. R. (1984a). *Learning from experiences*. London: Karnac Books. (Obra original em inglês publicada em 1962)
- Bion, W. R. (1984b). *Second thoughts: Selected paper on psychoanalysis*. London: Karnac Books. (Obra original em inglês publicada em 1967)
- Canez, A. (2008). *Canções de embalar cultura e tradição: Um estudo sobre (con)textos da maternidade na (e)terna lírica popular*. Lisboa: Edições Colibri.
- Carvalho, E. (1994). A canção de embalar - Uma abordagem psicológica. *Boletim da Associação Portuguesa de Educação Musical*, 84, 14-17.
- Castro, I. (2004). Cantando Para Adormecer. *Revista Música, Psicologia e Educação*, 6, 89-99.
- Castro, I. (2014). O comportamento de bebês perante a audição de uma canção de embalar. *Revista Científica da Universidade Eduardo Mondlane*, 1, 25-47.
- Cavani Jorge, A. L. (1988). *O acalanto e o horror*. São Paulo: Escuta.
- Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*. (2001). (J. M. Casteleiro, Org., Vol. I). Lisboa, Academia das Ciências de Lisboa e Editorial Verbo.
- Fernald, A. (1989). Intonation and communicative intent in mother's speech to infants: Is the melody the message?. *Child Development*, 60, 1497-1510. doi: 10.2307/1130938
- Freud, S. (1969a). Sobre os sonhos. Em *Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad. e Ed., Vol. V, pp. 693-696). Rio de Janeiro: Imago Editora (Trabalho original em alemão publicado em 1901)
- Freud, S. (1969b). Sobre o narcisismo: uma introdução. Em *Edição Standard brasileira*

- das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (T. O. Brito, Trad. e Ed., Vol. XIV, pp. 81-108). Rio de Janeiro: Imago Editora (Trabalho original em alemão publicado em 1914)
- Freud, S. (1969c). A Ansiedade. Em *Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. L. Meurer, Trad. e Ed., Vol. XVI, pp. 393-411). Rio de Janeiro: Imago Editora (Trabalho original em alemão publicado em 1917 [1916-17])
- Leandro, M. (2006). Transformações da família na história do Ocidente. *Theologica*, 41 (1), 51-74.
- Lebovici, S. (1987). *O Bebê, a Mãe e o Psicanalista* (F. Vidal, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas. (Trabalho original em francês publicado em 1983)
- Leite Vasconcellos, J. (1907). Canções do Berço. *Revista Lusitana*, 10, 1-86.
- Lorca, F. G. (1964). Las nanas infantiles. *Obras completas*. Madrid: Aguilar.
- Marcelli, D. (2005). A interação fantasmática. Em *Infância e Psicopatologia* (F. Fonseca; R. Rocha, Trad., pp. 60-61). Lisboa: Climepsi. (Trabalho original em francês publicado em 1982)
- Machado, S. A. P. (2012). *Canção de ninar brasileira: aproximações* [dissertação de Doutorado]. Universidade de São Paulo, Brasil.
- Ogden, T. (2004). *The Matrix of the Mind- Object Relations and the Psychoanalytic Dialogue*. Maryland: Jason Aronson. (Trabalho original em inglês publicado em 1990)
- Santo, M. S. (1990). *A religião popular portuguesa*. Lisboa: Assírio & Alvim.
- Segal, H. (1975). *Introdução à obra de Melanie Klein*. (Guimarães, Júlio; Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original em inglês publicado em 1973)
- Shenfield, T., Trehub, S., Nakata, T. (2003). Maternal singing modulates infant arousal. *Psychology of Music*, 31(4), 365-375. doi:10.1177/03057356030314002
- Silva, Â. D. J. (2010). *A programação infantil nas rádios portuguesas: dos primeiros ensaios ao desafio online* [dissertação de Mestrado]. Universidade da Beira Interior, Covilhã.
- Symington, J. e Symington, N. (2014). O pensamento clínico de Wilfred Bion. Lisboa: Climepsi.
- Trainor, L. J. (1996). Infant Preferences for Infant-Directed Versus Noninfant-Directed Playsong and Lullabies. *Infant Behavior and Development*, 19, 83-92.
- Trehub, S. E. e Trainor, L. J. (1998) 'Singing to Infants: Lullabies and Play Songs'.

- Advances in Infancy Research*, 12, 43–77. Acedido em 8, maio, 2017, em https://trainorlab.mcmaster.ca/publications/pdfs/trainor_trehub.pdf
- Trehub, E. S. (2001). Musical predispositions in infancy. *Annals of the New York Academy of Sciences*, 930. doi: 10.1111/j.1749-6632.2001.tb05721.x
- Tsang, C. D. e Conrad, N. J. (2010). Does the message matter? The effect of song type on infants' pitch preferences for lullabies and playsongs. *Infant Behavior and Development*, 33, 96-100. doi: 10.1016/j.infbeh.2009.11.006
- Unyk, A. M., Trehub, S. E., Trainor, L. J. e Schellenberg, E. G. (1992). Lullabies and simplicity: A cross-cultural perspective. *Psychology of Music*, 20 (1), 15-18. doi: 10.1177/0305735692201002
- Winnicott, D. W. (1975). *O Brincar & a Realidade*. (Abreu, José; Nobre, Vanede, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original em inglês publicado em 1971)
- Winnicott, D. W. (1990). *O ambiente e os processos de maturação*. (Ortiz, Irineo, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas. (Trabalho original em inglês publicado em 1979)